

CORREIO BRAZILIENSE

» EXEMPLAR DE ASSINANTE

» BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, 27 DE MARÇO DE 2011

(DOMINGO)

» VENDA PROIBIDA

» Número 17.475 » 166 páginas » R\$ 3,00

Breno Fortes/CB/D.A Press

Revista
do
CORREIO

Saudade do que não vivi

É possível sentir falta de uma época em que nem se tinha nascido? Para algumas pessoas, como a designer Liliá Lilliequist, sim. Apaixonada pelos anos 1950, ela incorporou o visual da década no dia a dia. Tamanho fascínio ganhou até nome: retrofilia.

CAPA E PÁGINAS 22 A 27

Iano Andrade/CB/D.A Press



MEMÓRIAS

Dr. Campos da Paz, criador da Rede Sarah, lança autobiografia

PÁGINAS 6 A 9

O petróleo abre as portas para o emprego

Há carência de engenheiros e técnicos de nível médio no setor, sobretudo para o pré-sal. Ainda dá tempo de se preparar

TRABALHO & FORMAÇÃO
PROFISSIONAL, CAPA

Sobram vagas e falta qualificação no DF

PÁGINA 40

INFLAÇÃO ALTA TRAZ DE VOLTA VELHOS HÁBITOS

O aumento do custo de vida começa a ressuscitar fantasmas como a famosa maquininha de reajustar preços em supermercados e a estocagem de alimentos. Nos restaurantes, cardápios são rasurados com frequência

PÁGINAS 14 A 16

CONSUMO

Mercado de olho nos gays

Com alto poder aquisitivo e geralmente sem filhos, os homossexuais fazem parte de um grupo de consumidores exigentes que compram muito. Diante disso, são disputados por empresas de vários ramos, de restaurantes e butiques a agências de viagem.

PÁGINA 19

ORIENTE MÉDIO

Kadafi sofre as primeiras derrotas

Com o apoio aéreo da coalizão, opositores do ditador líbio retomam as cidades de Ajdabiya e de Brega, pontos estratégicos na região petrolífera do país. Na Síria, manifestantes usam a internet para convocar a população a lutar contra o regime do presidente Bashar Al-Assad.

PÁGINA 24

Carlos Silva/Esp. CB/D.A Press



Nos trilhos de várias Brasília's

Ao longo dos 100km da ferrovia que liga o Plano Piloto a Luziânia passam escombros, condomínios luxuosos, invasões e muitas lembranças. Como as de Ildinah, que, quando criança, ganhava balas dos maquinistas. Hoje, só trens de carga circulam pela estrada de ferro, mas projeto prevê a reativação do transporte de passageiros.

PÁGINAS 34 E 35

O "aburguesamento" dos partidos de esquerda

PÁGINA 2

CLASSIFICADOS

18.960 ofertas

Imóveis	12.979
Veículos	3.016
Casa & Serviços	648
Negócios & Oportunidades	1.165
Trabalho & Formação Profissional	1.152

Medo cerca o brasiliense

Alvo de uma onda de assaltos, população do Plano Piloto muda a rotina. Contratação de vigilantes, instalação de grades e de câmeras de segurança são algumas das providências tomadas. Muitos deixaram de frequentar a Igreja da 308 Sul, que teve os arredores tomados por usuários de crack.

PÁGINAS 32 E 33

Gustavo Moreno/CB/D.Aa Press



Atletas da perseverança

O Correio acompanhou o difícil caminho percorrido diariamente por desportistas com necessidades especiais, como Parré (foto), para chegar ao treino. E constatou: a maior deficiência é a falta de acessibilidade nas ruas do DF.

SUPER ESPORTES,
PÁGINAS 12 E 13

ANGRA

Governo precisa achar ainda nesta década um local para depositar lixo radioativo

PÁGINA 10

BIÔNICOS

Com a ajuda da tecnologia, cientistas criam fígado, rins e até coração artificiais

PÁGINA 27

CORREIO BRAZILIENSE
GRANDES CONCURSOS

Assinante, você não precisa juntar os selos. Acesse o site* do Sempre Você e saiba como adquirir sua apostila.

SEMPRE
→ VOCÊCORREIO BRAZILIENSE
Você à frente de tudo

*www.correio braziliense.com.br/assinante



CLASSIFICADOS: 3342.1000 • ASSINATURA / ATENDIMENTO AO LEITOR: 3342.1000 • assinante.df@dabr.com.br • GRITA GERAL: 3214.1166

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

Revista do CORREIO

CORREIO BRAZILIENSE

domingo, 27 de março de 2011, ano 6, número 306

Marcelo Rosenbaum,
designer:
"Uma casa só
serve para
contar histórias"

Campos da Paz,
fundador da Rede Sarah:
"A verdade é que todos
somos incapazes"

A woman with a red flower in her hair, wearing a red and white checkered short-sleeved shirt tied at the waist and a black skirt, is sitting on a black and white checkered floor. She is looking towards the camera with a slight smile. The background is a red wall with a dark baseboard.

Em algum lugar do passado

A designer Liliá Lilliequist apaixonou-se primeiro pela música e, depois, por toda a estética dos anos 1950. Não é a única a cultivar uma década que não viveu. Em sites e comunidades virtuais, tamanho fascínio recebeu até nome: retrofília



Iano Andrade/CB/D.A Press

Memórias de um homem diferente

POR MARIA VITÓRIA

Aloysio para os íntimos, a família. Os pacientes, colegas médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, familiares de doentes e políticos preferem doutor Campos da Paz ou simplesmente Campos da Paz. Independentemente de como o chamam, o certo é que o nome Aloysio Campos da Paz Júnior está escrito na história da medicina. É o nome do criador da Rede Sarah de Hospitais do Aparelho Locomotor, o Sarah.

Diariamente, ele fica em Brasília, seja na sede no Setor Comercial Sul ou na unidade do Lago Norte, ensinando e discutindo os casos mais graves com seus assistentes. Aos 76 anos, diante da insistência de amigos e colaboradores, decidiu escrever a própria

história. Assim surgiu o livro Percorrendo Memórias, que será lançado quarta-feira, às 18h30, no Salão Negro do Congresso Nacional.

Ao lançar a obra biográfica, o doutor Campos mantém os pés bem firmes no presente, mas com um olhar atento para o futuro. Sempre reflexivo, conserva intacto o espírito crítico, como mostra nesta entrevista à Revista. Antes mesmo do início da conversa, disparou: “O Itamaraty fez o Brasil se comportar como uns macaquitos”, referindo-se à visita do presidente americano, Barack Obama. Apenas um comentário passageiro, antes de falar sobre saúde pública, medicina, memórias e muito mais.

Sarah Letras/Divulgação



O amigo filósofo

Na década de 1940, a família do garoto Aloysio morou na Rua Nascimento Silva, em Ipanema, Rio de Janeiro. “As casas eram geminadas, e ao lado morava um garoto que ficaria famoso por sua inteligência e seus escritos: Leandro Konder.” Na foto no jardim do Sarah, ao lado de Konder, Letácio Jansen Jr. e Luiz Garcia: amigos de infância e de adolescência.

No prefácio do livro, o filósofo **Leandro Konder** o define como “uma pessoa diferente de todas as outras”. Como o senhor entende essa afirmação?

Leandro é um dos maiores, senão o maior filósofo brasileiro, com uma obra inquestionável. Acho que ele quis dizer que fujo do convencional. O que se espera de um médico é ele ser bem

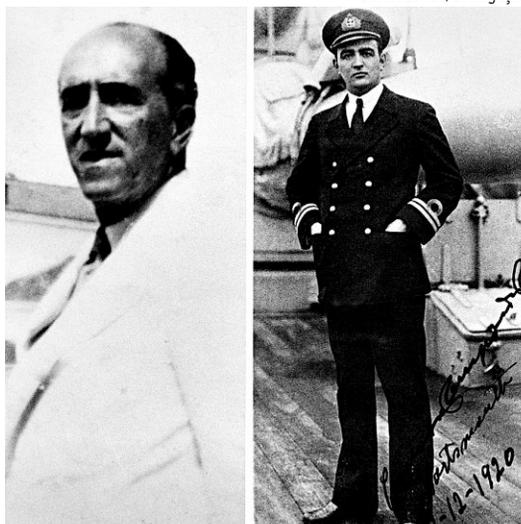
comportado, dizer coisas que ninguém consegue entender e não ter uma posição política em relação aos problemas do país, especificamente no campo social. Acho que o Leandro quis dizer é que eu estou em uma posição antagônica. Sempre tive uma preocupação social com o meu trabalho, muito mais do que o desejo de obter sucesso. Quando eu era garoto, no Colégio Mello e Souza, tinha um colega de turma chamado Eduardo Gaspariam. Ele me disse, anos depois, aqui em Brasília, que na adolescência eu tinha dito que ia fazer uma instituição. Sempre pensei em construir um espaço para realizar um objetivo. Acho que essas coisas que o Leandro acompanhou, a convivência ao longo dos anos, é que fizeram ele usar essa expressão. O resto é bondade dele. Acho que tem mais gente importante e fazendo coisas de valor no país.

O fato de o senhor ser definido como “diferente” tem a ver com a sua formação familiar: metade comunista, metade militar?

Sim, mas não maniqueísta. É preciso dizer, e eu digo isso no livro, que o Sarah foi construído durante o regime militar. O projeto militar foi aprovado pelo Geisel (Ernesto Geisel, presidente da República entre 1974 e 1979) e consolidado no regime civil. A criação dessa instituição transcendeu aos acontecimentos políticos. Qualquer governo quer ser bem-sucedido, construir alguma coisa e passar para a história. Se você tem um bom projeto, um conceito, e é definido como um sujeito que briga pelas suas ideias, há a possibilidade de ser bem-sucedido. Não há mágica nisso.

O governo militar, então, ajudou na implantação do Sarah?

Nessa época, eu fui recolhido mais de uma vez para dar explicações (risos). Você tinha vários planos. Um era o vil, da opressão. E outro, localizo no governo Geisel, com um projeto de país e não de poder. Coincidiu que o projeto do Sarah foi apresentado a uma pessoa extremamente lúcida, o João Paulo Reis Velloso, que tinha criado a Seplan (atual Ministério do Planejamento), um centro de planejamento muito avançado. De lá saiu a ideia de criação da Embra, as transformações da Petrobras e a criação do Sarah, entre outras coisas. Era um centro que reunia pensadores, economistas, engenheiros, educadores, pessoas responsáveis pela elaboração de projetos que mudaram a face do país. Acho que o melhor exemplo foi a criação da Embra: o país jamais seria uma potência agrícola hoje se não existisse essa instituição e a pesquisa desenvolvida nela. Esses



Contradições

“Na minha família, metade é comunista e metade militar”, conta Campos da Paz em seu livro. Na foto da esquerda, o avô paterno Manoel Venâncio, médico de família, comunista e preso político em 1935 no primeiro governo de Getúlio Vargas, na década de 1930. À direita, o tio e adido naval José Custódio Campos da Paz, preso em 1937 por ser integralista. “Dois patriotas — pensamentos diferentes antes da colonização americana.”

exemplos nada têm a ver com ditadura ou democracia: têm a ver com competência.

Os 27 anos de democracia ajudaram na consolidação do Sarah? Ou prejudicaram?

As duas coisas. Houve momentos de incompreensões, em que as negociações eram mais difíceis. Até porque o Sarah tem uma proposta socialista. O curioso é que ela foi aceita desde o início durante um governo militar e foi frequentemente combatida no período da redemocratização. Basicamente por uma luta de poder.

O que o Sarah representava para contrariar interesses tão importantes?

Um hospital (e agora uma rede) desse porte, que atende do cidadão mais pobre ao de maior renda per capita do país, de graça, sobretudo quando você atende uma pessoa com um grande poder econômico, e atende bem, contraria interesses econômicos. A indústria médica e os planos de saúde, que deturpam a assistência médica no mundo todo, não gostam desse tipo de atendimento. Você está sempre sob pressão dos setores que veem na medicina uma fonte de lucro.

No livro, o senhor fala em “trambiclínicas” e “trambifaculdades”. Nós estamos vivendo em um período de “trambimedica”?

Estamos em um período de exacerbação, em que há uma proliferação de faculdades de medicina que jogam no mercado profissionais desqualificados; sem programas de pós-graduação bem estruturados e com o único objetivo de lucrar. Ocorre uma confusão deliberada entre setor produtivo e setor de serviços. Ao praticar medicina, não estou fabricando automóveis; estou tratando de seres humanos. Então, eu não posso usar na prática médica a lógica do setor produtivo: se eu opero mais, ganho mais. A grande distorção que ocorre na medicina, não só aqui, mas também nos Estados Unidos e agora na Inglaterra, é a confusão entre o setor produtivo e o de serviço: você ganha pela quantidade, não pela qualidade ou pelo envolvimento. Isso é o que eu chamo de “trambimedica”. O nosso país está muito vulnerável, pois temos o problema da colonização cultural. Qual a aspiração de uma pessoa que ascendeu socialmente? É entrar em um avião e passear em Miami. Só que ele não sabe que Miami não faz parte dos Estados Unidos. Nenhum americano de bom neurônio considera Miami como Estados Unidos (risos).

Como é o relacionamento com o governo do PT?

Eles cumprem o contrato de gestão com o Sarah. Os governos Lula e, agora, o da Dilma são caracterizados por períodos de mais tranquilidade no cumprimento do contrato e no crescimento da rede.

Por que o governo brasileiro não adota o modelo do Sarah na gestão de grandes hospitais, como o Hospital de Base?

Você teria que mandar para casa a minha geração. Você só constrói, muda, se convencer os jovens. E só convence os jovens se praticar o discurso que faz. Como afirmo no livro, um professor faz todo um discurso sobre dedicação exclusiva e às 17h pede licença para ir para o consultório particular. A transformação da assistência médica depende de uma conciliação do discurso com a prática. Não é complicado, mas demanda coragem. Uma luta política que vai conflitar com grandes corporações, com interesses pessoais bastante arraigados. O objetivo da Rede Sarah hoje não é o de resolver o problema de assistência médica no país. Jamais foi! É o de criar um modelo que seja contraditório, para que a população entenda que pode existir um diferente do que está por aí. Um pensador disse certa vez que o Sarah é um belo exemplo de contradição. É preciso dizer que Brasília começou com um modelo de assistência médica semelhante ao Sarah. Ele foi deturpado pelo tempo. ➤

Essa deturpação em Brasília ocorreu em que momento?

O plano médico-hospitalar elaborado por Henrique Bandeira de Mello era semelhante ao que se faz hoje no Sarah. A deturpação não dependeu de nenhum governo. Ela foi decorrente de ambições pessoais. Essa tendência pela iniciativa privada foi aumentando e hoje domina.

Então o sistema público será engolido pelo privado?

Não é o que prevê a Constituição. O médico trabalha para o Estado e para a iniciativa privada. Aí implode o hospital público para transferir para o hospital privado, para obter lucros. Isso é o que está acontecendo. Essa decadência do serviço público no Brasil, que agora está sendo transferida para a educação, decorre dessa coisa esquizofrênica. Quem paga essa conta somos nós, com o Imposto de Renda. O recurso que financia a Rede Sarah vem da mesma fonte que financia o serviço privado no país. Na Constituinte, nós propomos o seguinte: você quer fazer medicina privada, ótimo; corra o risco do capital. O governo não pode bancar isso. No entanto, essa tese foi deturpada na elaboração da Lei Orgânica da Saúde.

No seu livro, o senhor fala de uma pessoa, o tio Jack. A postura dele o influenciou na filosofia do Sarah?

Com o tio Jack, aprendi a valorização do trabalho. Era um empresário de sucesso, sempre valorizou as pessoas, no caso os operários que trabalhavam na indústria que ele dirigia. Quando ocorreu a greve geral dos metalúrgicos no Rio de Janeiro, durante o segundo governo de Getúlio Vargas, na década de 1950, as fábricas dele não participaram da paralisação. Elas já tinham refeição, assistência médica. Ele me ensinou muita coisa.

O senhor critica o isolamento de pessoas doentes em UTIs. Para o senhor, como deve ser o tratamento de um paciente grave?

Eu venho de uma época em que

as famílias, incluindo as crianças, estavam ao lado das pessoas queridas antes de elas morrerem. Isso aconteceu no falecimento da minha avó e do meu avô. Eu acho no mínimo cruel isolar uma pessoa dos seus entes queridos quando ela vai morrer.

Como deve ser o tratamento de uma pessoa em estágio terminal?

No Sarah, não temos UTI. Os equipamentos de cuidados intensivos podem ser levados de um lado para outro. Temos uma unidade que chamamos de primeiro estágio, em que há uma concentração maior de pessoas, que sabem lidar com esses aparelhos, mas a família entra. Não entram multidões, mas poucas pessoas, tomando cuidados contra infecções. O importante é que a família esteja junto.

Essa experiência pode ser adotada por outros hospitais?

Tudo é possível. Basta querer. O problema não é de possibilidade, mas de vontade.

minha Nikon, torcendo para que eles continuassem abraçados. Voltei e fiz a foto. Ela simboliza a vida. O fato de eles não andarem não quer dizer que eles não se amem.

A Rede Sarah precisa ser ampliada?

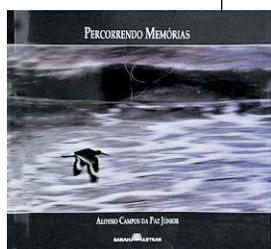
Não! Não. Você não faz assistência médica com tijolo, com estrutura metálica. Você faz com gente. E hoje no Brasil gente com G é muito difícil, devido ao grande número de faculdades de medicina que preparam pessoas sem qualificação e não há cursos de pós-graduação. Eu te dou um exemplo: em 1917, a situação nos Estados Unidos era semelhante à nossa. O governo americano pediu um relatório, denominado Flexner. Flexner fez o levantamento e propôs o fechamento da maioria das faculdades de medicina. A medida foi adotada em 1921/22 e implantou-se a residência médica. Além disso, o médico tinha de fazer uma pós-graduação em um serviço médico. A medicina americana deu um salto. Agora, está em crise devido a problemas econômicos, às grandes corporações e aos planos de saúde.

O governo brasileiro deve tomar a mesma atitude agora?

A qualidade do ensino médico começa pela qualidade da educação fundamental. Esse negócio de ficar abrindo faculdades, achando que vai melhorar a qualidade e o acesso é besteira. O Brasil tem que investir pesado na educação fundamental, para criar novas gerações qualificadas. Esse problema não se resolve em um governo; resolve-se em três décadas, no mínimo, se começar hoje. Tem que se aplicar todos os recursos para a educação no ensino fundamental. Todos. Manter as universidades federais. E as universidades particulares que se virem — elas cobram.

A medicina evoluiu. O homem também evoluiu, aprendeu a se cuidar?

Não! A evolução tecnológica não implica necessariamente em uma evolução do padrão de assistência. Ela pode implicar em um prolongamento de vida em situações que antes não tinham solução. Outro ponto



Breno Fortes/CB/D.A. Press

SERVIÇO

Percorrendo Memórias

Autor: Aloysio Campos da Paz Júnior
 Editora: Sarah Letras
 Lançamento: 30 de março, às 18h30
 Local: Salão Negro do Senado Federal

Sarah Letras/Divulgação



A vida

A fotografia, feita por Campos da Paz, "simboliza a vida". Ele registrou o flagrante nos jardins do Sarah no Lago Norte.

O senhor fez a foto da contracapa do seu livro. O que ela significa?

Ela simboliza o amor. Eu estava passando pelo jardim do Sarah Lago Norte quando vi a cena. Estava sem a máquina. Saí correndo para pegar a

importante: avanço tecnológico não significa necessariamente melhor qualidade de serviço. Meu avô quando usava o estetoscópio (no início do século 20) sabia a lógica da transmissão da onda sonora. Entendia o princípio que regia o funcionamento do estetoscópio quando ouvia as batidas do coração. Se você perguntar hoje para 10 radiologistas quais são as fórmulas de física que regulam o funcionamento de uma ressonância, a maioria não sabe. E há uma contradição: o equipamento gera uma imagem a partir de uma informação digital, mas ela é analisada quando é convertida analogicamente. Você possui uma tremenda tecnologia, uma evolução fantástica e a leitura dela é semelhante à de um raios-X.

O que é mais importante no Sarah?

A missão principal é formar gente. O sucesso da instituição se deve a um projeto constante, cotidiano e coerente de formação. E é uma formação que não implica somente no conhecimento da técnica; implica em opções ideológicas. Não é fácil atrair um jovem para dedicar a sua vida a uma causa. O Sarah é uma causa. A pessoa larga tudo para ficar em tempo integral, com dedicação exclusiva. É bem paga, mas precisa se dedicar. Muitas vêm, trabalham, se qualificam e voltam para "a selva". Alguns voltam em outras seleções, porque aqui só é admitido com concurso bastante rigoroso.

A procura é grande por esses cargos?

Sim. Porém, um retrato do que ocorre na formação universitária brasileira ficou claro em um dos últimos concursos. As vagas eram para profissionais de nível superior, de uma área específica. Apresentaram-se 1,5 mil candidatos. Oito foram aprovados. Dos oito, ficaram apenas seis na última etapa, que é o treinamento em serviço.



O futuro

O começo da reabilitação infantil, em 1979/1980. Hoje, Lúcia Villadino Braga (no centro) comanda a Rede Sarah

O senhor ainda atende pacientes?

Claro, senão o hospital fecha. Você não pode fazer um discurso sem praticá-lo. A minha atividade hoje está mais relacionada ao ensino. Os profissionais separam casos para eu discutir. Como todo o sistema de acompanhamento de pacientes está interligado, posso acompanhar casos também em outros estados, averiguar problemas, detectar gargalos.

O Sarah revolucionou o serviço de fisioterapia, com o atendimento personalizado.

Eu trouxe os métodos da minha experiência em cursos na Inglaterra e nos Estados Unidos. Desse aprendizado, trouxe a relação paciente/fisioterapeuta. E também a relação coletiva, quando você tem que discutir casos comuns com famílias em que adultos e crianças têm o mesmo problema. Outro ponto é contextualizar uma explicação para o paciente. É preciso falar várias línguas em uma só. É preciso explicar para uma pessoa humilde o que deve ser feito em uma linguagem que ela compreenda. Tudo baseado em um paradigma que está afixado na parede do hospital: "Você não simplifica aquilo que você não conhece".

Como o senhor vislumbra a reabilitação física no futuro?

A contradição entre reabilitação e medicina está escrita nas paredes do Sarah. A medicina convencional parte do não e a reabilitação, do sim. O paciente não tem uma boa pressão (arterial), não estou ouvindo o coração, não está urinando, não isso, não aquilo. E a reabilitação se baseia, e vai cada vez mais se basear, no potencial que restou da pessoa. A verdade é que todos nós somos incapazes. Quando você está mais incapacitado, você fica mais vulnerável. O progresso da reabilitação vai por esse caminho, até por uma questão de imposição da própria sociedade. Um exemplo típico é o combate às barreiras arquitetônicas. Também há a inclusão social, um tema que se fala muito e pelo qual se faz pouco. A medicina convencional não compreende porque é um exercício de poder: o poder que o médico tem sobre um doente é uma coisa inimaginável. A grande questão ética ou moral consiste no seguinte ponto: que esse poder seja usado em benefício do paciente e não em benefício próprio. Essa é a questão central da assistência médica. Não quero dizer que vá se formar um bando de sacerdotes desvairados. A sociedade tem que compreender que o médico precisa ser remunerado condignamente e o médico tem que compreender que não sabe tudo. O que sabemos? A estrutura do DNA. E aí? Há um mundo para ser descoberto. Você não vê a aplicação direta dos avanços científicos da bioquímica molecular e da nanotecnologia com a prática médica. Há um descompasso. O interesse é ganhar dinheiro. ■

www.correiobraziliense.com.br



Galeria de fotos do livro *Percorrendo Memórias*.
Íntegra da entrevista com Aloysio Campos da Paz Júnior.
Vídeo com trechos da entrevista com Aloysio Campos da Paz Júnior



Novidade Slim
PILATES
By Via Corpo

É outono, tempo de renovação.
Nada melhor que cuidar de você

Accent XL
Tratamento para flacidez facial e corporal, papada e celulite

Ultracounter
Lipo sem cirurgia

Velashape Plus
Tratamento para celulite

Na Slim você escolhe quando quer fazer o seu tratamento
E também escolhe a melhor forma de pagamento*

ASA NORTE 712
(61) 3039.3662 - 3039.3668
www.slimbrasil.com.br

Slim
Esthetics Center
Cuidando da sua beleza em cada detalhe